

# O capitão Basil Liddell Hart e a reabilitação dos generais alemães

*Fernando Velôzo Gomes Pedrosa\**

Desde a década de 1920 e até sua morte em 1970, o teórico militar e historiador britânico capitão Basil H. Liddell Hart tem sido considerado como uma autoridade mundial em assuntos militares. Alastair Buchan, primeiro diretor do International Institute for Strategic Studies (IISS), referiu-se a Liddell Hart como “o mais importante pensador militar da era da guerra mecanizada”. O historiador britânico Michel Howard chamou-o “o maior pensador militar sobre a guerra deste século”. Ariel Sharon referia-se a Liddell Hart como “o maior professor de todos nós”.<sup>1</sup> Mas, a despeito destas referências laudatórias, o “capitão que ensinava os generais”<sup>2</sup> também foi objeto de controvérsias ao longo de sua atividade intelectual.

O propósito deste trabalho é apontar como Liddell Hart usou a História Militar para justificar suas teorias militares a partir da experiência das forças alemãs na Segunda Guerra Mundial e como, nesse processo, buscou eximir as Forças Armadas alemãs de responsabilidades pelo genocídio perpetrado na Europa contra a população judia e outras minorias, além de outros crimes e abusos contra prisioneiros de guerra e po-

pulações civis nos países ocupados.

Basil Henry Liddell Hart alistou-se como oficial do Exército Britânico no início da Primeira Guerra Mundial, da qual participou brevemente como tenente de infantaria. Após haver sido ferido levemente algumas vezes, foi gravemente gaseado durante a batalha do Somme, em meados de 1916, e retornou à Inglaterra para tratamento, sendo depois designado como instrutor de unidades que se preparavam para a guerra. Durante esse período, dedicou-se à produção de textos sobre doutrina militar e colaborou na elaboração do novo manual de combate de infantaria do Exército Britânico, tomando como base sua experiência no campo de batalha.

Após a Guerra, Liddell Hart foi reformado no posto de capitão e passou a escrever sobre temas militares e estratégia, defendendo o emprego de unidades blindadas para dar maior capacidade de manobra e de penetração ao Exército Britânico. No nível estratégico, defendia a tradição britânica de um exército pequeno e profissional, voltado principalmente para a defesa das Ilhas Britânicas e do Império. No nível operacional, propunha o amplo emprego de forças

\* Cel Inf R/1 (AMAN/78, EsAO/88, ECEME/94), doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (UFRJ/18), membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Atualmente, é assessor do Instituto Meira Mattos, da ECEME.

blindadas, compostas por unidades de carros de combate, apoiadas por tropas de infantaria transportadas em veículos blindados, um conceito que seria adotado pelo Exército Alemão com esmagadora eficácia alguns anos depois. Em todos os níveis da ação militar, propugnava pelo método da aproximação indireta, como meio de evitar as principais defesas do inimigo, atacando-o pelos flancos e obtendo a surpresa.<sup>3</sup>

Embora afastado do serviço ativo do Exército Britânico, Liddell Hart continuou contribuindo com a instituição, como assessor teórico e por meio de artigos e livros sobre temas de História Militar e de doutrina militar. Suas propostas para as tropas blindadas tiveram alguma repercussão na Inglaterra, mas sofreram oposição da oficialidade mais antiga, que via os carros de combate como simples armas de apoio ao avanço da infantaria. Mesmo assim, suas propostas, associadas às do coronel J. F. C. Fuller, foram capazes de convencer o Exército Britânico a organizar as primeiras brigadas e divisões blindadas da história.<sup>4</sup>

Os textos de Liddell Hart também receberam atenção na Alemanha, cujo exército buscava reconstituir-se diante das sérias restrições impostas pelo Tratado de Versalhes. Embora não na medida alardeada por Liddell Hart,<sup>5</sup> a liderança

militar alemã tomou seus escritos como referência para a organização das divisões *panzer* e para suas táticas de ação independente, rápida e profunda.

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, o capitão Liddell Hart aproveitou suas funções oficiais junto ao Exército Britânico e teve a oportunidade de entrevistar diversos oficiais-generais alemães que se encontravam em cativeiro sob a custódia britânica. O resultado dessas entrevistas foi o livro *O outro lado*

*da colina*, publicado em 1948 na Inglaterra e nos Estados Unidos.<sup>6</sup>

A partir dessas entrevistas, Liddell Hart desenvolveu laços de amizade com alguns dos generais entrevistados, encontrando afinidade de pensamento nos assuntos técnicos militares abordados em suas obras. Em função dessas amizades e admiração, prefaciou os livros do marechal Erich von Manstein (*Lost victories*)<sup>7</sup> e do general Heinz Guderian (*Panzer leader*).<sup>8</sup> Também organizou, editou e anotou o livro *The Rommel papers*, no qual reuniu e trouxe a público os documentos do arquivo pessoal do falecido marechal Erwin Rommel, com a ajuda da esposa e do filho da legendária “Raposa do Deserto”.<sup>9</sup>

Em *O outro lado da colina*, Liddell Hart procura apresentar os eventos mais decisivos da Segunda Guerra Mundial sob o ponto de vista dos generais alemães

---

*A oficialidade mais antiga via os carros de combate como simples armas de apoio ao avanço da infantaria*

---

com os quais teve a oportunidade de conversar e entrevistar após a Guerra. O livro também descreve o processo de ascensão de Adolf Hitler e acaba servindo para justificar a condescendência e aprovação tácita dos chefes militares alemães aos crimes praticados pelas autoridades do regime nazista na Alemanha, ao longo do processo de tomada do poder pelo Partido Nazista e durante o desenrolar da Guerra.

O livro deixa claro o interesse mútuo do autor e de seus entrevistados em minimizar qualquer maior responsabilidade das Forças Armadas Alemãs com a política de genocídio implantada pelo nazismo. De parte dos entrevistados, deve-se observar que todos se encontravam prisioneiros e submetidos a procedimentos judiciais para avaliar suas responsabilidades em relação aos crimes de guerra cometidos pelas forças alemãs durante a Segunda Guerra Mundial. É evidente que esses depoimentos, por mais honestos que tenham sido, foram afetados pelo senso de autopreservação e pela oportunidade de fazer uma boa figura diante de um escritor muito conhecido e respeitado pelo público ocidental e pelos chefes militares aliados.

Da parte de Liddell Hart, havia o interesse em destacar o estrito profissionalismo e a excelência militar dos generais alemães, ressaltando em que medida aqueles

brilhantes soldados haviam levado em conta e aprendido de seus livros sobre a arte da guerra. Mas, para que aquelas vozes “do outro lado da colina” fossem levadas em conta, era fundamental que expressassem a opinião de homens respeitáveis e isentos de culpas pelos abusos cometidos pelo governo nazista.

Ao longo de sua argumentação, Liddell Hart aponta diversas condutas moralmente reprováveis e indiscutivelmente criminosas, cometidas pela liderança nazista no processo de ascensão ao poder e consolidação da ditadura hitlerista, e chega a questionar como a liderança militar alemã aceitou, resignadamente, compactuar com esses crimes. Mas, como explicação para a inação dos generais diante da implantação de uma ditadura que não se limitava por nenhum critério moral, Liddell Hart apresenta as Forças Armadas alemãs como

instituições fortemente profissionais, regidas pela tradição militar prussiana e por elevado sentido de honra pessoal, e isentas de envolvimento político. A justificativa aceita por Liddell Hart reproduz os argumentos dos generais alemães: “seu juramento de lealdade

ao Führer” — sem questionar como a lealdade devida ao Estado pelos soldados pode ser transferida a uma pessoa —; a avaliação de que “o povo alemão não percebera a realidade dos fatos e não compre-

---

*Hart aponta diversas condutas reprováveis e criminosas cometidas pela liderança nazista no processo de ascensão ao poder*

---

enderia qualquer ação dos generais contra Hitler”; a avaliação de que “as tropas da frente russa reprovariam as da frente ocidental por abandoná-las”; e “o medo de entrar para a história como traidores de seu país”.<sup>10</sup>

No entanto, esse argumento de espírito profissionalismo militar e de honra pessoal não se sustenta diante da dócil aceitação das interferências de Hitler — a quem Liddell Hart se refere repetida e desdenhosamente como um “cabo da Boêmia” — em assuntos profissionais militares, chegando a assumir pessoalmente diversos cargos militares privativos de oficiais-generais,<sup>11</sup> embora não tivesse qualquer qualificação profissional para exercer tais funções.<sup>12</sup>

No que se refere a honra, também se pode constatar que alguns episódios da ascensão do Partido Nazista atacaram e ofenderam diretamente as instituições militares e atingiram alguns altos oficiais, como foi o caso do assassinato do general Kurt von Schleicher, no episódio que ficou conhecido como “A Noites das Longas Facas”, em 30 de junho de 1934, e as demissões dos generais Werner von Blomberg e Werner von Fritsch no início de 1938, a partir de denúncias, chantagens e dossiês falsos.<sup>13</sup> Os casos dos generais von Fritsch e Ludwig Beck demonstram como o generalato alemão abandonou dois chefes de postura profissional, que se opunham à infiltração nazista no Exército e à política agressiva em relação aos países vizinhos. As reações de von Fritsch aos conflitos provocados pelas SS em suas relações com o Exército e sua oposição aos planos

de invasão da Tchecoslováquia levaram a seus inimigos Heinrich Himmler e Reinhard Heydrich, líderes das SS, a forjar contra ele uma acusação de homossexualismo, forçando-o a demitir-se do cargo de comandante em chefe do Exército em fevereiro de 1938.<sup>14</sup> Poucos meses depois, seu subordinado, general Beck, chefe do Estado-Maior do Exército — após haver tentado, sem êxito, convencer a Hitler de que sua política agressiva provocaria uma guerra da qual a Alemanha sairia derrotada e destruída —, demitiu-se de seu cargo em 18 de agosto. Em 16 de julho, referindo-se aos seus camaradas generais, Beck escreveu profeticamente:

A história acusará esses chefes de homicídio, se eles não agirem de acordo com seus conhecimentos políticos especializados e consciência. A obediência militar a que estão sujeitos tem um limite no ponto em que seus conhecimentos, sua consciência e senso de responsabilidade lhes proibam o cumprimento de uma ordem. [...] Constitui falta de grandeza e de compreensão do dever, se um soldado, na mais alta posição em uma ocasião como esta, considerar seus deveres e tarefas apenas dentro do marco estreito de suas ordens de natureza militar, sem estar consciente de suas mais altas responsabilidades para com a nação como um todo. Tempos extraordinários exigem medidas extraordinárias.<sup>15</sup>

Apesar disso, Beck, assim como Fritsch, preferiu desempenhar seu papel de soldado apolítico e jamais cogitou a possibilidade de opor firmemente o Exército contra a liderança política de Hitler, mesmo em circunstâncias tão extraordinárias. Ele acabaria se suicidando após o

fracasso do atentado contra Hitler de 20 de julho de 1944.

O sentido de estrito profissionalismo tampouco se sustenta pela clara infiltração política nas Forças Armadas. A Luftwaffe, sendo uma força nova e sem uma tradição arraigada, e estando sob o comando de um dos mais destacados líderes do Partido Nacional-Socialista, Hermann Goering, era majoritariamente nazista. A forte expansão de efetivos do Exército trouxera para seu interior uma jovem oficialidade fortemente comprometida com o nazismo e recrutada na Juventude Hitlerista. As SS organizaram uma força militar em moldes semelhantes ao Exército, mas mantida sob o controle do Partido — as Waffen SS —, que operava em conjunto com as tropas do Exército, sem causar qualquer constrangimento nos militares profissionais. Em geral, Liddell Hart acusa as SS e absolve o Exército Alemão, mas não lhe parece estranho que o Exército convivesse tão harmoniosamente com as forças das Waffen SS.

Uma coisa salta aos olhos da leitura de *O outro lado da colina*: faltou perguntar sobre os campos de extermínio. Os generais alemães sabiam da existência dos campos de extermínio? Se sabiam, por que permaneceram calados? Como essa omissão pôde conviver com o sentido de honra militar alegado para justificar a obediência a Hitler?

Liddell Hart conclui seu livro com palavras de apoio e elogio aos chefes militares alemães:

Os generais alemães desta guerra foram o melhor produto de sua profissão — em qualquer lugar do mundo. Poderiam ter sido melhores ainda se sua perspectiva ti-

vesse sido mais larga, e sua compreensão, mais profunda. Mas se eles tivessem se tornado filósofos, teriam deixado de ser soldados.<sup>16</sup>

Não surpreendentemente, o marechal de campo Erich von Manstein — que foi condenado à prisão por crimes de guerra — abre a introdução de suas memórias, *Lost Victories*, com a citação desse parágrafo de Liddell Hart,<sup>17</sup> que lhe vem a calhar como justificativa para suas omissões morais diante dos abusos cometidos por suas tropas ou dentro de sua área de reponsabilidade.

Essa frase de Liddell Hart resume dois julgamentos. Um de caráter profissional e outro de natureza moral. Ao colocar os generais alemães profissionalmente acima de suas contrapartes aliadas, Liddell Hart retribui com gratidão a atenção que aqueles oficiais deram às suas teorias militares publicadas no entre-guerras. Em assim fazendo, homenageia a si próprio, colocando-se como o profeta que não foi ouvido em sua própria terra. Mas esse julgamento profissional contém um claro equívoco, pois restringe o desempenho militar das forças armadas alemãs aos êxitos táticos e operacionais no campo de batalha. Entretanto, a atividade militar é extremamente complexa e deve ser avaliada em suas dimensões vertical e horizontal. A dimensão horizontal inclui numerosas tarefas simultâneas e interdependentes em cada nível hierárquico: recrutamento, organização, planejamento, treinamento, tecnologia, logística, inteligência, comando e controle e o combate em si. A dimensão vertical desce do nível político até o tático, passando pelos níveis estratégico e operacional. O julgamento do desempenho de uma instituição

militar tem de contemplar seus aspectos políticos, incluindo a capacidade de a liderança militar influir nas decisões políticas ligadas a questões de segurança e defesa.<sup>18</sup> A simples submissão a desígnios políticos catastróficos, e mesmo criminosos, é um claro sinal de fracasso dos líderes militares, em suas funções básicas de assessoramento da liderança política e de busca das melhores condições para o desenvolvimento e emprego exitoso das Forças Armadas.

Embora injusto para com os generais que, afinal, conduziram as forças aliadas à vitória contra o nazismo, a avaliação de Liddell Hart é perdo-

ável e pode ser compreendida como fruto de pura vaidade intelectual. Mas, ao contrapor a missão do soldado às considerações filosóficas, Liddell Hart exime o generalato alemão do julgamento moral de suas ações e dos abusos cometidos pela liderança nazista sob suas vistas.

Ora, julgamento moral está na essência da atividade militar e serve de fundamento para o Direito da Guerra, seja em sua vertente do direito de fazer a guerra (*jus ad bellum*), seja na do Direito que regula a condução da guerra (*jus in bello*). A ação militar — entenda-se, o emprego da violência para obtenção de objetivos políticos — é a atividade humana que mais profunda e complexamente envolve difíceis decisões e dilemas morais. A relevân-

cia das questões éticas que estão envolvidas nas ações militares pode ser claramente ilustrada pela profusão de obras literárias e cênicas que tratam desse tema. Na verdade, o emprego da violência fascina o homem, e grande parte dessa fascinação provém da grave prova moral que se apresenta àqueles que participam de ações de

força. A história está repleta de exemplos de governos e líderes militares que apresentam explicações morais para justificar o emprego da força. Embora muitas dessas justificativas sejam hipócritas e mentirosas, “a hipocrisia grassa no discurso dos tempos de

guerra porque, numa época dessas, é especialmente importante parecer estar com a razão”.<sup>19</sup> A mentira e a hipocrisia são, em si, a prova cabal da importância do julgamento moral ao qual as sociedades submetem governantes — quando decidem fazer uso da força como último recurso político — e líderes militares — pela maneira como exercem a violência no cumprimento de suas missões.

A postura de chefes militares diante da ação agressiva e criminoso de líderes populistas ou ditatoriais bem como sua ação de comando em combate envolvem decisões tão graves que não podem jamais estar dissociadas do juízo moral e da responsabilidade dos comandantes pelo desempenho e conduta das forças sob seu comando. 🌐

---

*A ação militar é a atividade humana que mais envolve difíceis decisões e dilemas morais*

---

## Referências

BOND, Brian; ALEXANDER, Martin. *Liddell Hart e De Gaulle: doutrinas da responsabilidade limitada e da defesa móvel*. In PARET, Peter (Ed.). **Construtores da Estratégia Moderna**: de Maquiavel à Era Nuclear. Tomo 2. Com a colaboração de Gordon A. Carig e Felix Gilbert; tradução de Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003. p. 177-210.

GUDERIAN, Heinz. **Panzer Líder: A verdadeira história dos Panzers, e a sua influência na 2ª Guerra mundial**. Tradução de Luiz Paulo Macedo Carvalho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1966.

HART, B. H. Liddell. **O Outro Lado da Colina: Ascensão e queda dos generais alemães, com seus depoimentos acerca dos acontecimentos de 1939-1945**. Tradução de Luiz Paulo Macedo Carvalho e Haroldo Carvalho Neto. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

\_\_\_\_\_. **As Grandes Guerras da História**. 4ª Ed. Tradução de Aydano Arruda. Revisão técnica e anotações do Gen. Reynaldo Mello de Almeida. São Paulo: IBRASA, 1982.

KEEGAN, John. **A Máscara do Comando**. Tradução de Geraldo Pereira de Almeida Filho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

MANSTEIN, Erich von (Field-Marshal). **Lost Victories: the war memories of Hitler's most brilliant general**. Edited and translated by Anthony G. Powell. Foreword by B. H. Liddell Hart. Introduction by Martin Blumenson. Novato, CA: Presidio, 1994.

MEARSHEIMER, John J. **Liddell Hart and the Weight of History**. Ithaca: Cornell University Press, 2010.

MILLET, Alan R.; MURRAY, Williamson; Watman, Kenneth H. *The Military Effectiveness of Military Organizations*. In MILLET, Alan R.; MURRAY, Williamson (Editors). **Military Effectiveness**. Volume I, The First World War. Boston: Unwin Hyman, 1988.

MURRAY, Williamson. *Armored Warfare: The British French and German experiences*. In MURRAY, Williamson; MILLET, Allan R. (Editors). **Military Innovation in the Interwar Period**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

O'NEILL, Robert. *Fritsch, Beck e o Führer*. In BARNETT, Correlli. **Os Generais de Hitler**. 3ª Ed. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Liddell Hart Unveiled*. **Twentieth Century British History**, Vol. 1, No. 1, 1990, pp. 101-113.

REID, Brian Holden. **Studies. in British Military Thought: Debates With Fuller & Liddell Hart**. Lincoln: University of Nebraska, 1998.

ROMMEL, Erwin. **The Rommel Papers**. Edited by B.H. Liddell Hart, with the assistance of Lucie-Maria Rommel, Manfred Rommel, and Fritz Bayerlein; translated by Paul Findlay. Nova York, NY: Da Capo, 1982.

WALZER, Michael. **Guerras Justas e Injustas: Uma argumentação moral com exemplos históricos**. Tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

---

<sup>1</sup> Apud Mearsheimer, 2010, p. 1-2.

<sup>2</sup> Yigal Allon, apud Mearsheimer, p. 2.

<sup>3</sup> Hart, 1982.

<sup>4</sup> Murray, 1998.

<sup>5</sup> Reid, 1998. p. 13.

<sup>6</sup> Hart, 1980.

<sup>7</sup> Manstein, 1994.

<sup>8</sup> Guderian, 1966.

<sup>9</sup> Rommel, 1982.

<sup>10</sup> Hart, op. cit. p. 363.

<sup>11</sup> Ao longo de seu governo, Hitler assumiu sucessivamente as funções de comandante supremo das Forças Armadas, em 1938, de comandante em chefe do Exército, em 1941, e de comandante do Grupo de Exércitos A na Frente Russa, em 1943 (KEEGAN, 1999, Cap. 4).

<sup>12</sup> Hart, op. cit. p. 39, 52.

<sup>13</sup> Ibidem. p. 38-40.

<sup>14</sup> O'Neill, 2001.

<sup>15</sup> Apud. O'NEILL, op. cit. p. 51-52.

<sup>16</sup> Ibidem. p. 388.

<sup>17</sup> Manstein, op. cit. p. 17.

<sup>18</sup> Millet; Murray, 1988.

<sup>19</sup> Walzer, 2003. p. 32.